

A LOIRA FATAL

Era uma mulher, ou menina, a gente nunca sabe ao certo quando estão por volta dos 18 a 20 e poucos anos, daquelas lindas. Com 1,75m de altura, corpo escultural, seios fartos, pernas firmes, barriga com um piercing de pedrinha, nem magra e nem gordinha, loira com cabelos esvoaçantes, soltos ao vento, sorridente, enfim, no ponto com diria a gurizada. Seu nome(?), Paty, assim mesmo, com grafia diferente porque é diferenciada.

A danada sabia que era desejada, uma mulher inteligente que conhecia seus atributos físicos e cujos atributos de inteligência a maioria desconhecia, faziam referência à loira burra mas gostosa; que engano, as loiras são inteligentes demais, encantam e dominam os homens como se estivesse se divertindo na praça, na realidade, todas as mulheres fazem isso.

Caminhava na rua como uma Deusa, recusou proposta para ser modelo, sabia que reinava mais na sua terrinha do que em outro lugar. Tinha bom emprego, bons amigos, uma centenada de admiradores, por que perder isso sempre perguntava.

Mas ela era malandra, quando queria algo, principalmente no gênero masculino, se aproximava sorrateira, falava de mansinho, quase sussurrando, deixava o sujeito com os pelos do braço arrepiados imaginando a cena. A menina era muito esperta, sorria com cara angelical e já pensava “mais um na minha rede”.

Era mulher, sabia o que queria e quando queria, rechaçava as investidas dos perigosos, casados, fofoqueiros, e dos desinteressantes. Escolhia a dedo, tinha desejos, sabia como satisfazê-los e tirar todo o suco da paixão momentânea, e não se fazia de rogada quando desejava isso.

Mulher independente, carro, casa, uma propriedade que envolvia paixões e luxúrias, um trabalho bem desenvolvido, afinal, uma bela e perigosa mulher.

Ela se encantou pelo colega, Pedro, rapaz alegre, menino ingênuo, primeiro emprego, cabelos pretos, pele escurecida pelo sol, aquilo que se denomina de pele dourada, lábios carnudos, queijo forte, barriga de tanquinho, coxas grossas e nádegas salientes, isso mesmo, nádegas para não usar outra denominação firmes e levemente realçadas, objeto de desejo e admiração de muitas meninas. O rapaz era tímido, encabulado até mesmo para dizer bom dia e olhar diretamente nos olhos, não conseguia resistir ao mirar direto e imperativo da loira.

Certo dia, Paty não se conteve, colocou um vestido justo no corpo, um decote extremamente saliente, maquiou, ajeitou os cabelos de modo que vibrassem ao caminhar, batom rubro, não chamativo mas de sedução, um perfume somente igualável pelo jeito própria da sedutora.

Disposta à desencaminhar o colega, chegou ao serviço, deu um bom dia com um sorriso maravilhoso, nada expansivo demais mas daqueles que brilham os dentes em propaganda de creme dental. O rapagão, ao olhar tamanha beleza, chegou a suspirar fundo e abaixou os olhos, sabendo que seria mais um dia de suplício, com aquela loira maravilhosa na sua frente, sua chefe, sem poder fazer nada.

Paty se armou, estava decidida a conquistar e corromper o pobre colega. Junta dois documentos, se aproxima por trás da vítima indefesa, abaixa o corpo até o roçar dos seios semicobertos nas costas do rapaz. Ao sentir o toque, a vítima estremeceu, sentiu um arrepio e a respiração mudou ficou ofegante. A loira, notando a alteração na respiração, o arrepio, sente que seu corpo também pede. Respiração entrecortada, sem conseguir controlar seus impulsos, se encosta em definitivo no colega, passa as mãos por trás e segura o documento como se estivesse a abraçar o coitado, que nesta altura não mais conseguia conter seus instintos, visível que estava sua excitação, linha da cintura, olhos, boca entreaberta, respiração e um suor a correr no rosto. Não se contém, vira para chefe, agarra-a pelos ombros, empurra ela na parede, encostando, as mãos segurando o corpo escultural da loira, beija-a, não um beijo comum, um beijo de volúpia, de sedução, um beijo que somente em filmes proibidos para menores é possível enxergar.

Paty enfim pode pensar que havia finalmente derrubado uma barreira, havia conquistado o rapaz mais cobiçado da repartição e talvez até mesmo de todo o local. A loira não perdoava nunca, partia para cima e aniquilava, por isso era chamada de Loira Fatal, a combinação de beleza, inteligência, volúpia, sagacidade e nenhum escrúpulo quando queria alguém.